

## MICROSOFT TEAMS COMO FERRAMENTA DE ENSINO: O USO DA PLATAFORMA NA COMUNIDADE ACADÊMICA DA UEMG, NA UNIDADE PASSOS-MG, DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Reinaldo Antônio Bastos Filho  
João Victor de Oliveira Mezencio.

### Resumo:

A pandemia do novo COVID-19 trouxe consigo desafios não somente para o meio corporativo, mas também para o processo de educação, que devido à necessidade do distanciamento social, se tornou mais difícil, sendo assim tornou-se necessária a adaptação do ensino remoto tradicional para o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Entendido isso, a presente pesquisa se apresenta como de caráter descritivo e de abordagem quali-quantitativo tendo como objetivo, analisar os efeitos da implementação e uso da plataforma de reuniões, Microsoft Teams, pela continuidade acadêmica na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) durante a pandemia do COVID-19 e verificar como foi o processo de adaptação dos docentes e discentes no ensino. Para tanto, utilizou-se de análise das respostas de alunos e professores a fim de conhecer seus desafios na implementação desse regime de ensino remoto. O método utilizado para a coleta de dados dessa pesquisa foi o questionário (*Survey*), com perguntas que abordavam questões como: níveis motivacionais, qualidade de conexão, problemas com a plataforma Microsoft Teams (ferramenta utilizada no ERE da UEMG), e também a visão de alunos e professores sobre o processo de ensino remoto na universidade. Verificou-se que alunos e professores possuem opiniões e dificuldades parecidas, e que existem problemas que podem comprometer o processo de ensino e aprendizagem para alguns participantes, entretanto não são fatores que condenam ao fracasso a continuidade das atividades acadêmicas.

**Palavras-chave:** COVID-19. Ensino Remoto Emergencial. Microsoft Teams. Pandemia

### 1 Introdução

A pandemia do COVID-19 teve seu primeiro caso confirmado no mundo entre novembro e dezembro de 2019, variando em duas datas: 17 de novembro de 2019, por parte do governo chinês, segundo informações exclusivas do South China Morning Post, e 08 de dezembro de 2019, sustentado pela OMS. De lá até o mês de setembro de 2020, os dados oficiais mostram que o número de infectados estava em torno de vinte e oito milhões de infectados no mundo (OMS,2020). No Brasil, o primeiro caso confirmado data de 26 de fevereiro de 2020, sendo esse, um homem de 61 anos que havia viajado para a Itália. Em meados de fevereiro de 2021, o Brasil registra aproximadamente 10 milhões de casos (BRASIL, 2021).

Devido ao seu fácil contágio, foi necessária a implantação de medidas restritivas ao trânsito de pessoas, fechamentos de estabelecimentos e escolas, dentre outros órgãos. Com isso a população se deparou com a necessidade de dar continuidade às atividades de ensino de forma remota. Assim surge como opção, a implementação do ERE (Ensino Remoto Emergencial), que se difere do EAD (Educação a Distância), segundo Behar (2009) e Hodges, *et al.* (2020).

**A resolução COEPE/UEMG N° 272, DE 02 DE julho DE 2020, trata sobre da**

adaptação do ensino presencial para o ensino remoto e as diretrizes que deverão ser seguidas para tal modalidade, como por exemplo, a readequação do calendário acadêmico. As atividades acadêmicas interrompidas em março de 2020 retomaram em 27 de julho de 2020, um intervalo considerável.

Sendo assim, o presente trabalho, questiona: quais os efeitos da implementação da plataforma de reuniões, Microsoft Teams, no cotidiano de ensino da comunidade acadêmica da unidade Passos-MG da UEMG? Para tanto, para responder essa pergunta, apresenta-se, nesse trabalho, como objetivo geral, analisar os efeitos da implementação e uso da plataforma de reuniões, Microsoft Teams, pela comunidade acadêmica da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) durante a pandemia do COVID-19. Quanto aos objetivos específicos são 3: verificar e analisar o processo de adaptação dos usuários, após implementação da plataforma; verificar e analisar as principais dificuldades no processo de aprendizagem e ensino; e verificar a efetividade do uso da plataforma na aplicação do ensino remoto. A pesquisa se apresenta como de abordagem qualitativa e de caráter descritivo.

Apesar de haver inúmeros trabalhos (DE FRANÇA FILHO, 2020; SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020) que já estudaram plataformas de reuniões, plataformas de ensino e outras ferramentas na educação brasileira na modalidade à distância (EAD), esse trabalho se justifica visto a escassez de trabalhos que buscam relacionar plataformas de reuniões, ensino, pandemia e medidas sociais restritivas, uma vez que tudo ainda é muito novo.

## **2 Revisão de Literatura**

Nessa seção serão apresentadas literaturas específicas para explicar o objeto de estudos. Dessa forma, a seção se divide em três, onde na primeira serão abordadas as diferenças entre as modalidades de ensino EAD e ERE. Na segunda subseção apresenta-se a plataforma de reuniões - Google Meet e Microsoft Teams e por último, apresenta-se a subseção 3 que vai tratar sobre Pandemia do Covid e o ensino superior no Brasil.

### **2.1 Diferença entre EAD e ERE**

Na Educação a Distância (EAD) o processo de ensino é mediado por tecnologias e os envolvidos estão separados fisicamente, porém haverá apoio por parte dos tutores, e a carga horária não é fixa ou segue uma grade de aulas diária ou semanal, podendo ser composta de atividades síncronas e assíncronas. Nessa modalidade deve haver um modelo pedagógico estruturado e não apenas adaptado. Diferente do que se encontra no ERE, onde busca manter as tradições do ensino presencial de forma distanciada (BEHAR, 2009).

Mesmo que por vezes essa modalidade seja tratada de forma a ser considerada mais fácil em sua execução por algumas pessoas, ela pode ser tão complexa ou até mais que a educação presencial, uma vez que além dos aspectos virtuais a serem planejados para atividades assíncronas ou reuniões virtuais síncronas para aplicação de conteúdo, a instituição precisará ainda de espaços físicos com acesso à internet e biblioteca para o uso dos alunos, auditórios para palestra e também tutores com disponibilidade para auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos (KONRATH; TAROUÇO; BEHAR, 2009).

Já no Ensino Remoto Emergencial (ERE) utiliza-se de tecnologia de informação e comunicação (TICs) para que a comunicação síncrona seja feita entre alunos e professores. Nessa modalidade usam-se soluções para ensino totalmente remotas (HODGES, *et al.*,

2020).

Além disso, essa modalidade traz consigo o desafio da adaptação, que dentre diversos empecilhos, evidencia a questão socioeconômica dos alunos que pode ser um fator extremamente limitante ou que em alguns casos pode impedir que o aluno tenha acesso as aulas de maneira remota pela falta da estrutura básica necessária para que sejam realizadas as atividades e encontros de maneira remota. Vale também ressaltar, que por se tratar de um processo que por vezes está pouco ou nada desenvolvido previamente pela instituição, podem ocorrer dificuldades quanto à adaptação ao uso das tecnologias, tanto pelos professores quanto pelos alunos, visto que muitos, mesmo que em instituições de nível superior, não convivem ou exercitam o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação-TICs (MORAES *et al.*, 2020).

Como ponto positivo, se nota principalmente o fato de os horários estabelecidos serem adaptados do horário presencial, facilitando assim que os alunos assimilem melhor, e não tenham dificuldades em organizar a rotina de estudos e trabalhos. Devido à pandemia que enfrentamos, o modelo é mostrado como uma solução paliativa, que busca adaptar o ensino presencial para uma modalidade totalmente remota, sem qualquer contato ou proximidade geográfica dos professores e alunos. É temporário, e não irá substituir o ensino presencial tradicionalmente vivenciado, mas sim ser usado como solução para que os alunos não percam o ano letivo, ou fiquem atrasados devido ao isolamento social (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020).

## 2.2 Plataformas de reunião

Existem algumas plataformas de reunião disponíveis para diversas ocasiões e momentos, entretanto, para esse trabalho apresentam-se duas com finalidade de comparação entre suas possibilidades, são elas: o google Meet e Microsoft Teams. O primeiro, Google Meet, é conhecido também como Google Hangouts Meet. Sua plataforma é responsável pela parte de chamadas e reuniões, enquanto o Hangouts separadamente ficou responsável pelo bate papo de texto. Além disso, ela possibilita reuniões de 100 até 250 pessoas, variando a quantidade de acordo com o plano contratado. Traz como vantagem o fato de que um colaborador sem o acesso à internet conseguir entrar em uma reunião através de chamada telefônica comum (QINETWORK.COM.BR, 2020).

Além da plataforma supracitada, apresenta-se o Microsoft Teams, que anteriormente era conhecido como Skype Teams. A plataforma se trata de um ambiente de reuniões virtual, com suporte a criação de equipes diferentes, com membros diferentes, chat privado e salas de reunião, sendo essas públicas ou privadas, e por ser parte do conjunto de aplicativos Office 365, torna fácil a utilização de outros aplicativos Microsoft sem a necessidade de sair da plataforma (BRASIL.SOFTLINEGROUP.COM, 2020).

As reuniões, mesmo no meio virtual, são semelhantes às presenciais, ou seja, necessitam de planejamento prévio, quanto a horários e conteúdo. Assim, as partes envolvidas devem estar preparadas com alguma antecedência, e mesmo que em um ambiente virtual, deve haver compromisso de ambas as partes. Por mais que a responsabilidade pelo sucesso desta seja em maior parte do condutor, quem participa dela também tem que possuir comprometimento com a eficácia da mesma (GONÇALES, 2010).

A UEMG optou pela utilização da plataforma Microsoft Teams e disponibiliza acesso a todos os alunos e professores através de um e-mail institucional fornecido a cada um, a obrigatoriedade de aulas síncronas é de 25% buscando solucionar problemas de conexão

e não prejudicar alunos com acesso à internet mais lento. Os docentes tiveram capacitação de duas horas, disponíveis nos dias 16 e 20 de julho de 2020.

### 2.3 A Pandemia no Brasil

Deixando claro e evitando o mau entendimento, o vírus que causa a doença, não é chamado de COVID-19, como tem sido confundido por algumas pessoas, o vírus causador da doença é denominado SARS-CoV2 e foi descoberto no final do ano de 2019. Os sintomas da doença em muitos casos não se mostram graves, e em grande parte dos contaminados se apresentam como uma doença respiratória leve, porém no chamado grupo de risco (idosos, obesos, pacientes oncológicos ou com algum outro histórico de doença crônica ou respiratória), apresentam-se complicações, podendo ser fatal. Um dos agravantes da doença é justamente o fato de muitos casos não apresentarem complicações maiores, gerando um relaxamento por parte da população quanto aos cuidados (NOGUEIRA *et al.*, 2020).

Devido à sensibilidade de detecção do vírus pelo teste RT-CPR (*Reverse Transcriptase-Polymerase Chain Reaction* em inglês, ou transcrição reversa seguida da reação em cadeia da polimerase) ter sido mostrada em estudo como sendo de eficácia entre 61% a 70%, devido a erros ou baixa carga viral de material genético, e mesmo que sendo realizada a tomografia computadorizada não fica clara a real enfermidade do paciente, ocorre um cenário de subnotificação, onde casos de COVID-19 podem ser diagnosticados como outro tipo de pneumonia viral, pois a tomografia não é específica, apesar da alta sensibilidade (NOGUEIRA *et al.*, 2020).

Devido ao fácil contágio, e a lenta imunização devido a excessiva demanda e baixa oferta de vacina por parte dos laboratórios fabricantes, no Brasil adotou-se o modelo de isolamento social horizontal, ou supressão, que também é chamado de quarentena, para uma maior facilidade na comunicação com a população, mesmo possuindo um significado diferente, sendo quarentena uma prática executada desde o século XIV para evitar a propagação de doenças contagiosas.

Mesmo que tenha sido comentado por membros do governo o impacto sobre a economia, foi adotado a supressão ao invés da mitigação, que é o isolamento social vertical, pois na mitigação, se enxerga a não necessidade de parar as atividades, mas sim fortalecer a imunidade das pessoas para que assim ocorra um declínio na pandemia. A mitigação não seria efetiva, uma vez que membros do grupo de risco ainda estariam mais suscetíveis a se tornarem vítimas fatais (SCHUCHMANN *et al.*, 2020).

A pandemia do COVID-19 vem, então, não como um ponto positivo, mas sim como algo que nos mostra como o ensino de forma remota deve ser estudado e planejado, uma vez que pandemias dessa magnitude podem não ser previstas com a antecedência necessária para que sejam elaborados planos de contingência mais específicos para a área da educação. E mesmo após o término do isolamento, devem ser levados em conta, planos para desenvolvimento de técnicas capazes de tornar o ensino remoto, tão completo quanto o presencial (SOBRAL, 2020).

### 3 Metodologia de Pesquisa

Como forma de responder ao objetivo geral proposto, essa pesquisa se coloca como de caráter descritivo e abordagem quali-quantitativa, com a finalidade de evidenciar pontos

positivos e negativos a serem corrigidos no ERE pela UEMG Passos-MG, a partir de respostas dos alunos e professores.

A coleta de dados se deu através de um questionário (*Survey*) realizado de forma completamente remota, devidos às condições de afastamento social impostas no enfrentamento da pandemia. O período de aplicação do questionário teve início 22 de janeiro de 2021 e foi concluído no dia 2 de fevereiro de 2021.

Foi utilizada a plataforma Google Forms, para a aplicação dos questionários, e o link para que os participantes pudessem responder foram distribuídos através do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, em grupos de professores, coordenadores, diretos e alunos.

Quanto aos critérios de elaboração do questionário, levou-se em conta quais poderiam ser os empecilhos para alunos e professores, e também quais eram suas condições para participação dessa modalidade de ensino. As mesmas perguntas foram repetidas para ambos, totalizando 16 perguntas para professores, sendo 15 de múltipla escolha e uma única dissertativa perguntando o nome que não era obrigatória a resposta caso o participante quisesse resguardar sua privacidade, e para os alunos houve acréscimo de uma pergunta, sendo essa a respeito da frequência com que se ausentava das aulas, totalizando 17 questões para esse grupo, mantendo o mesmo padrão, com 16 perguntas de múltipla escolha e o nome para ser preenchido de acordo com a vontade ou não do participante.

Ainda sobre o questionário, houve um período de dois dias para pré-testes e ajustes, e no início de cada questionário junto ao cabeçalho, estava contido o TCLE (Termo de Esclarecimento Livre e Consentido), deixando assim todos os voluntários cientes de sua participação e objetivos da pesquisa. Após o pré-teste, o questionário foi adaptado às necessidades de correção e validado tanto pelo pré-teste, quanto por professores especialistas na área de tecnologia e empreendedorismo público.

A unidade de Passos, conta com 48 professores efetivos e 218 designados, totalizando 266 (UEMG, 2021) e 4648 alunos em dezembro de 2020, número que era próximo de 5000 antes de desistências de fim de ano (UEMG, 2021). O cálculo de amostragem foi feito a partir de grau de confiança de 90% e margem de erro de 10%, para professores e alunos, números aceitáveis em pesquisas de Ciências Sociais. Seriam necessárias, portanto, 55 respostas de professores, e 68 de alunos. Entretanto ao fim do período de coleta estipulado e relatado acima, foram obtidas 63 participações de Professores e 105 de alunos, se mostrando números suficientes para a realização da pesquisa.

#### **4 Resultados e Discussões**

Nessa sessão serão discutidos os resultados da pesquisa e para tanto, apresentam-se 19 figuras que irão trazer resultados do trabalho. Essas figuras trazem informações do trabalho e possibilitaram discussões sobre níveis de motivação, dificuldades no ensino remoto, problemas relacionados tanto ao ERE, quanto da plataforma Teams, a partir de informações dos dois grupos, alunos e professores.

Os participantes, alunos, que se dispuseram a responder, representaram de 16 dos 27 cursos da unidade Passos-MG, tais como: Administração, Agronomia, Biomedicina, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Estética e Cosmética, Gestão Comercial, Jornalismo, Letras, Matemática, Nutrição, Publicidade e

Propaganda e Serviço Social. E por parte do grupo dos professores(as), são profissionais de 22 cursos, sendo esses: Administração, Agronomia, Biomedicina, Ciência Biológicas Bacharelado e Licenciatura, Ciência Contábeis, Direito, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Estética e Cosmética, Gestão Comercial, História, Jornalismo, Letras, Matemática, Moda, Pedagogia, Publicidade e Propaganda, Serviço Social e Sistemas de Informação.

Além disso, 68% dos participantes do grupo dos alunos responderam como sendo do sexo feminino, 31% masculino e 1% outro. Já no grupo dos professores, 51% responderam como sendo do sexo feminino e 49% masculino.

Quando perguntado sobre experiência prévia com essas plataformas, os dados revelam que alunos “sem experiência anterior” com outras plataformas de reuniões, relataram níveis alto e muito alto de dificuldade de adaptação ao ensino remoto em 54% dos casos, trata-se de um número elevado. Porém, vale levar em consideração os outros 46%, que mesmo sem contato prévio, conseguiram se adaptar com baixa ou nenhuma dificuldade ao ERE.

Ademais, percebe-se que 63% dos alunos com “conhecimento em plataformas de reunião” tiveram níveis baixos ou inexistentes de dificuldade de adaptação. Por outro lado, 37% ainda relataram níveis altos de dificuldade. Sendo assim, percebe-se que a falta de experiência é um fator a se levar em conta na análise do processo de adaptação. Porém, segundo os dados, não é um fator que impediu a maioria dos alunos de estudar remotamente.

Já no caso dos professores, a experiência prévia se tornou menos impactante, onde 81% dos professores “sem experiências anteriores” com plataformas similares relataram dificuldade baixa ou muito baixa, e apenas 19% tiveram dificuldade alta.

No caso de professores “com experiência prévia”, 89% relatam nenhuma dificuldade ou baixa, e apenas 11% com dificuldades altas. Como no caso dos alunos, a experiência prévia foi um diferencial, porém não impediu os professores, em sua maioria, de se adaptarem com certo grau de facilidade.

Quando tratamos da “visão dos professores sobre o nível de empenho dos alunos para o estudo através do ERE”, percebe-se que 65% deles enxergam os alunos como pouco empenhados, e 8% como nada empenhados, números que em conjunto totalizam 73% das respostas. Sendo assim, aproximadamente três quartos dos professores não veem grande empenho por parte dos alunos no ERE.

Por outro lado, na visão dos alunos, sobre o empenho dos professores, verifica-se que os alunos enxergam os professores com um bom nível de empenho, com um total de 59% deles tendo uma opinião positiva quanto ao nível de empenho dos professores, e menos de um quarto deles veem pouco ou nenhum empenho por parte dos professores.

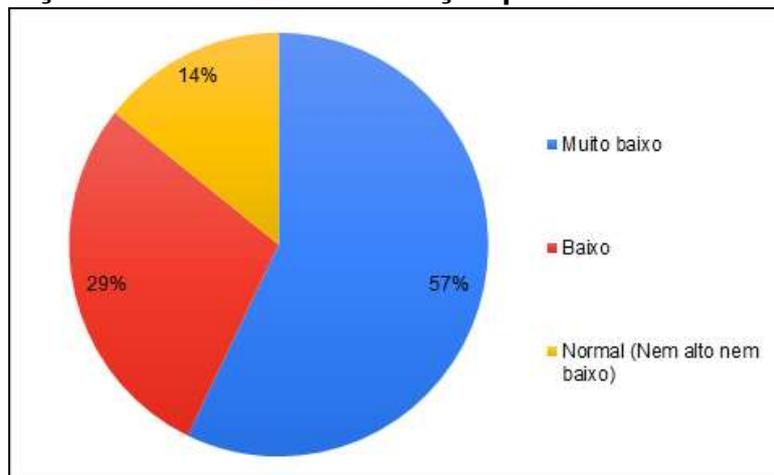
Quando se trata de “auto avaliação”, 54% dos professores se encontram em um nível de motivação neutro, e apenas 22% se encontram em níveis alto ou muito alto de motivação. Sendo assim, mesmo que seus níveis de motivação não sejam elevados, conseguem satisfazer aos alunos em sua maioria, que consideram seus professores empenhados.

Já na visão dos professores, percebe-se que a falta de empenho, relatada por eles próprios, pode ser fruto de um nível de motivação baixo ou muito baixo em 66% dos alunos entrevistados. Apenas 6% dos alunos relatam níveis altos ou muito altos de motivação e esses números podem comprometer não só o aprendizado por parte dos alunos, mas também o processo de ensino, que fica monótono, uma vez que alunos desmotivados

tendem a ser menos participativos.

Na figura 1, abaixo, analisa-se o nível de absenteísmo dos estudantes utilizando-se da lente da motivação, e percebe-se que o nível de motivação baixo ou muito baixo, é um fator presente em 86% dos alunos que se ausentam de forma frequente ou muito frequente das aulas, e nenhum dos alunos nesse grupo se encontra em nível de motivação alta ou muito alta. Sendo assim percebe-se que o fator motivacional é um contribuinte para o número elevado de faltas/ausências.

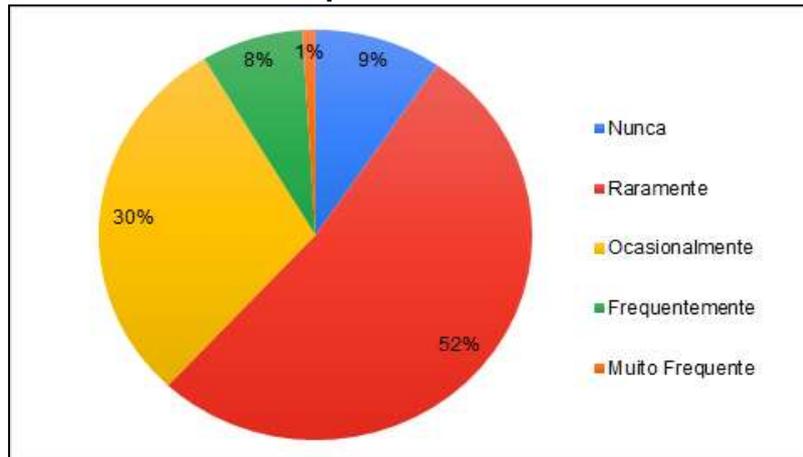
**Figura 1: Alunos que se ausentam frequentemente ou muito frequentemente e a relação com o nível de motivação para estudo no ERE.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Conforme figura 2, abaixo, o grupo de alunos relatou em 61% dos casos, que a plataforma possui poucas falhas que os impedem de acompanhar as aulas, apenas 9% possuem problemas de forma frequente ou muito frequente. Observando apenas os números brutos, pode-se avaliar como ótima a plataforma. Porém, se um aluno tem problema e esse problema puder comprometer seu processo de aprendizagem, é necessário alguma atitude, por parte da universidade na tentativa de resolver determinado problema.

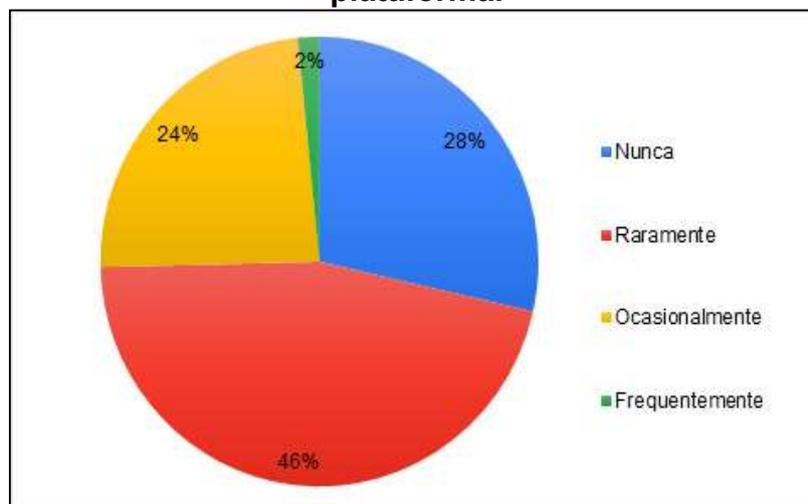
**Figura 2: Impedimento de alunos comparecerem as aulas por problemas na plataforma.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Os números dos professores são ainda mais satisfatórios, quando comparamos os resultados da figura 3 abaixo e a figura 2 supracitada, onde apenas 2% relatam níveis altos de impedimento por problemas na plataforma. Destaque para os 28% que relatam nunca terem problema com a plataforma. Isso torna o processo de ensino mais suave e pleno, porém como no caso dos alunos, ainda houve relato de frequência alta nos problemas, mesmo que muito pequeno.

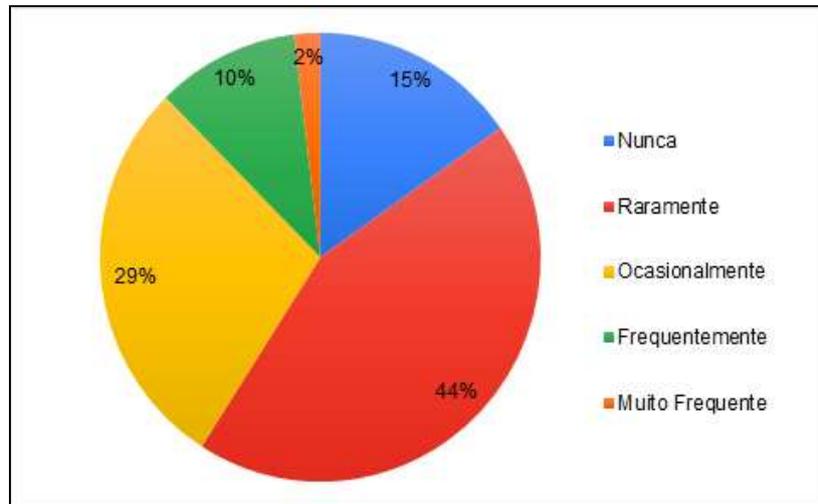
**Figura 3: Impedimento de professores ministrarem as aulas por problemas na plataforma.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Quando o questionamento foi a respeito do quanto à conexão atrapalha no acesso as aulas (Figura 4, abaixo), 12% dos alunos informaram problemas de forma frequente ou muito frequente, mostrando que uma conexão de qualidade moderada talvez seja um requisito para acompanhar as aulas. Porém, se a conexão do aluno for ruim, ele ainda poderá baixar as aulas e assistir quando o download for terminado, sem interrupções, caso sua conexão caia.

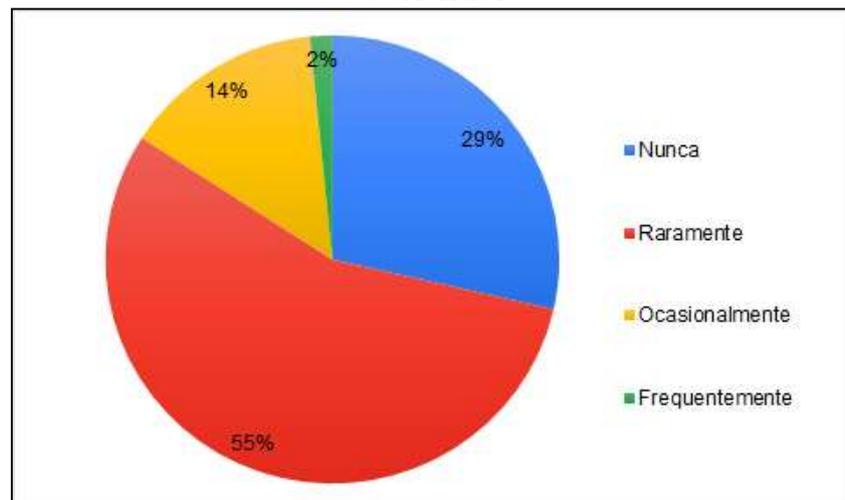
**Figura 4: Impedimento de alunos comparecerem as aulas por problemas de conexão.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

No caso dos professores (Figura 5, abaixo), apenas 2% relatam frequência alta com problema de conexão. Vale avaliar, por parte da instituição, qual o tempo de duração desses problemas e se esses comprometem a aula em sua totalidade ou se os professores conseguem retornar e finalizar o conteúdo, uma vez que o impacto, por perda de conexão pelo professor afeta turmas com aproximadamente 50 alunos.

**Figura 5: Impedimento de professores ministrarem as aulas por problemas de conexão.**

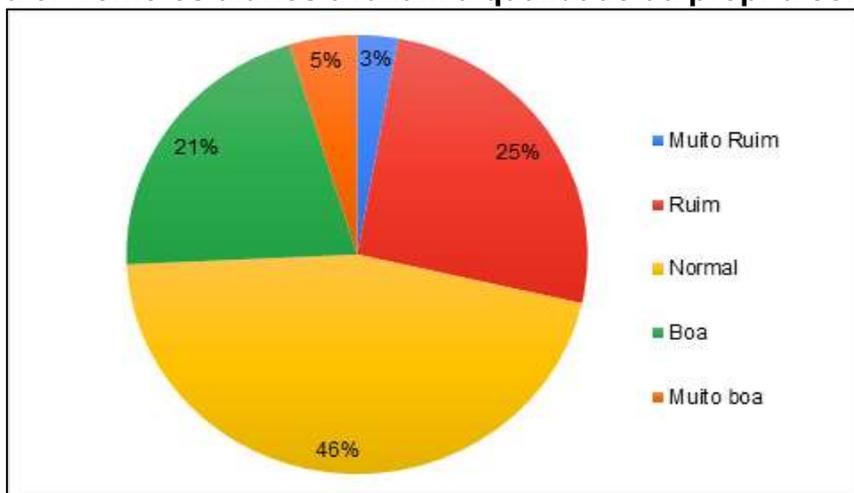


Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Quanto à qualidade de conexão (Figura 6, abaixo), 28% dos alunos afirmam possuir uma conexão ruim ou muito ruim, e esse número pode ser um problema, visto que a conexão ruim pode não impedir o acesso ao conteúdo das aulas, uma vez que essas são gravadas. Entretanto, pode ser um fator agravante na apresentação de trabalhos, visto que

conexões ruins possuem baixos níveis de upload, comprometendo assim uma apresentação usando de câmera ou microfone, pois quanto pior a internet, mais baixa será a qualidade de transmissão.

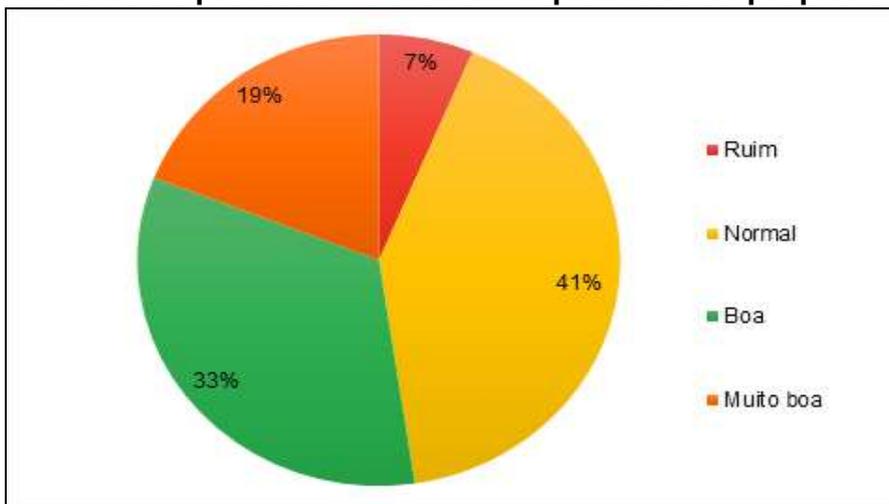
**Figura 6: Como os alunos avaliam a qualidade da própria conexão.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

No grupo dos professores (figura 7, abaixo), 7% relatam que possuem uma conexão ruim. Novamente, percebe-se um número baixo à primeira vista, porém devemos analisar que um professor, é o responsável por passar conteúdo para as turmas, que por vezes possuem mais de 30 alunos, e não lecionam em apenas uma turma. Sendo assim, um professor com a conexão ruim, pode comprometer o processo de aprendizagem de uma disciplina por mais de uma centena de pessoas.

**Figura 7: Como os professores avaliam a qualidade da própria conexão.**

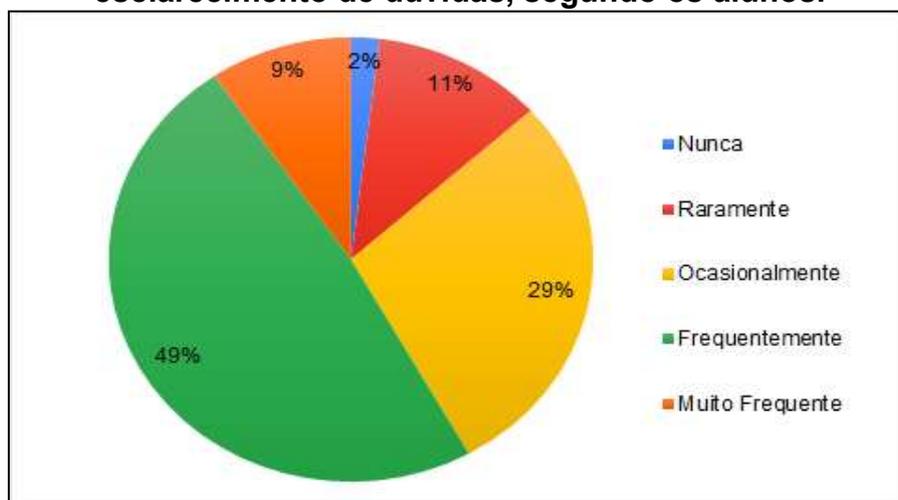


Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Na figura 8, abaixo, percebe-se que os alunos consideram em sua maioria, os professores solícitos quando se trata de resolução de dúvidas, sendo que 58% afirmam que

os professores estão disponíveis de forma frequente ou muito frequente. Destaque para o número baixo, apenas 13%, que afirmam que nunca ou raramente seus professores estão disponíveis.

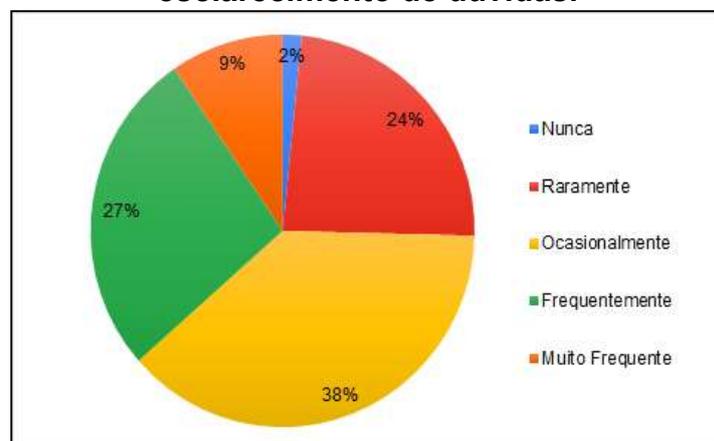
**Figura 8: Frequência em que os professores estão disponíveis para o esclarecimento de dúvidas, segundo os alunos.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Quando perguntado “Frequência em que os professores são procurados pelos alunos para o esclarecimento de dúvidas”, de acordo com a figura 9, abaixo, percebe-se que 24% dos professores afirmam que raramente são procurados pelos alunos, e esses números, dependendo do ponto de vista, pode ser considerado alto, e representam duas hipóteses, quais sejam: Que o aprendizado em sala virtual está acontecendo rápido por parte de alguns alunos, ou que os mesmos não possuem interesse em tirar suas dúvidas. Sendo essa segunda opção uma alternativa prejudicial ao processo de aprendizagem do aluno e sua aprovação ou não nas disciplinas. E esse desinteresse pode ser algo que reduz a motivação dos professores.

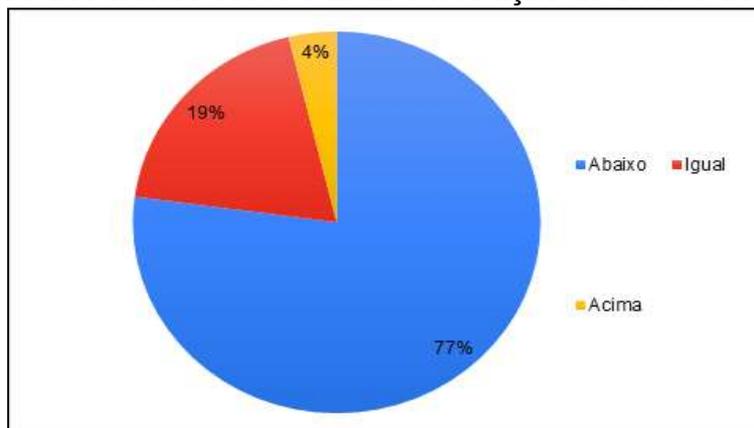
**Figura 9: Frequência em que os professores são procurados pelos alunos para o esclarecimento de dúvidas.**



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

A fim de conhecer a satisfação dos alunos com o ERE, foi proposta uma comparação entre o regime remoto e o presencial, que era aplicado antes da pandemia, e 77% dos alunos consideram que o ERE está abaixo do ensino presencial tradicional (Figura 10, abaixo). Isso seria de se esperar, uma vez que todo sistema de ensino passou por uma mudança muito brusca, exigindo adaptações de todas as partes.

**Figura 10:** Opinião dos alunos sobre o ERE em relação ao ensino de forma presencial.

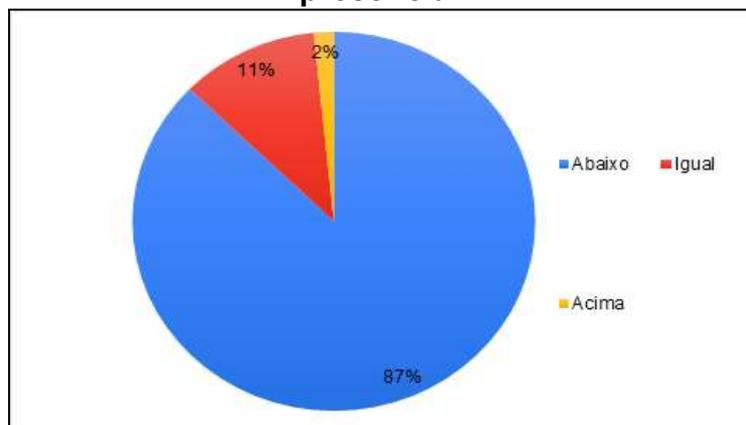


Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Ainda sobre a satisfação dos envolvidos no processo de aprendizado, porém na percepção dos professores, conforme figura 11, abaixo, 87% deles, consideram o ERE na UEMG - Passos, como inferior ao presencial, apresentando concordância com os alunos. Também é um resultado esperado, uma vez que todo planejamento de disciplinas e aulas passaram por mudanças contundentes.

Esses dados podem ser confrontados com números apresentados pela Expertise Educação, que relata que 66% dos estudantes estão insatisfeitos com as aulas assíncronas (com base na análise 89.823 menções) e 79% insatisfeitos com as aulas síncronas (com base na análise de 8484 menções).

**Figura 11:** Opinião dos professores sobre o ERE em relação ao ensino de forma presencial.



Fonte: elaboração própria, segundo dados da pesquisa, 2021.

Após análise das 16 questões aplicadas aos professores e 17 aplicadas aos alunos, foi possível ter maior entendimento e compreensão sobre o processo de adaptação e dificuldades enfrentadas por ambas as partes. Percebe-se a princípio, com os dados apresentados, que o sistema é paliativo e consegue atender, em certa medida, as necessidades do momento. Entretanto, verifica-se inicialmente menor aceitação e maior dificuldade por parte dos discentes (Alunos), principais interessados, em relação aos professores. Isso traz a luz a necessidade de que há muito a ser feito, pra trazer mais efetividade, nessa nova realidade de ensino imposta pela pandemia que assola o mundo.

## 5 Considerações Finais

O objetivo do trabalho foi realizar um estudo do processo de adaptação dos alunos e professores ao ERE (Ensino Remoto Emergencial), regime esse implementado para que fosse dada continuidade ao processo de ensino na UEMG Passos-MG, a fim de não comprometer negativamente o processo de formação dos alunos, devido à interrupção, que poderia ocorrer, caso não houvesse essa alternativa, por necessidade de isolamento e distanciamento social durante a pandemia do COVID-19.

A análise das respostas dos envolvidos revelou que mesmo que pequena, existe uma facilidade para os participantes que tiveram um contato anterior com plataformas similares ao Microsoft Teams, plataforma pela qual estão sendo realizadas as aulas síncronas e assíncronas. Um fator que chama atenção e poderia ser resultante da dificuldade dos docentes na adaptação, é o processo de capacitação, com apenas duas horas de duração e apenas dois dias disponíveis para participação.

O estudo ainda revela que a desmotivação foi um fator importante para a falta de empenho dos alunos, e que no grupo dos professores, mesmo relatando em sua maioria estarem pouco motivados, ainda assim conseguiram entregar um desempenho satisfatório para a maioria dos alunos, fato esse não percebido, na mesma proporção, pelos professores quando perguntados sobre os alunos.

Além disso, a pesquisa se mostra relevante para o entendimento e possível resolução de problemas que podem ser comprometedores no processo de ensino e aprendizagem, uma vez percebe-se certa frequência de problemas na plataforma e relatos dos próprios participantes a respeito das suas conexões, ponto que é muito importante em um modelo de estudo de forma 100% online, seja para envio de atividades, apresentação de trabalhos e assistir ou ministrar as aulas.

Vale salientar que o Microsoft Teams não foi criada como ambiente educacional, mas sim corporativo. De uma maneira simplificada, a plataforma foi concebida com a intenção de servir a empresas, fato que pode dificultar o uso no meio educacional, mesmo que com mudanças feitas a fim de melhorar a experiência dos estudantes, a plataforma em sua essência ainda atende majoritariamente ao meio empresarial. Com isso é importante ainda citar a existência e possibilidade de uso do MOODLE (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), plataforma que por sua vez foi totalmente pensada para educação, que pode ser usada para atividades assíncronas.

A maior limitação encontrada na realização do trabalho foi à dificuldade em alcançar todos os estudantes, para o envio dos questionários, durante a fase de coleta de dados. Sendo assim, a análise do panorama se torna menos ampla do que poderia ter sido.

Por fim, o trabalho aqui realizado abre caminho para novos estudos, uma vez que após a volta ao modelo de ensino presencial ou adaptação ao que podemos chamar de

“novo normal”, poderia ser analisando as três fases da implementação, ou seja, começo, meio e fim do ERE na unidade, a fim de entender como foi o processo como um todo, e como poderia haver um planejamento para que fosse melhor, caso seja necessária uma nova intervenção dessa magnitude.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. **Ministério da Saúde**. CoronavírusBrasil. 2021 Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> , Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus**. Brasil, 26 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus> 13 de setembro>. Acesso em 13 de set. de 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância**. 2009.

CIBOTTO, Rosefran Adriano Gonçalves. **A importância do planejamento de reuniões virtuais para o desenvolvimento distribuído de software**. 2010.

DOS SANTOS JUNIOR, Verissimo Barros; MOREIRA, Jean Carlos da Silva. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020.

FRANÇA FILHO, Astrogildo Luiz de. Alguns apontamentos para uma crítica da educação a distância (ead) na educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista Tamoios – UFRJ** v. 16, n. 1, 2020.

GAZETA DO POVO. **Primeiro caso do novo coronavírus no mundo teria ocorrido em novembro**. Brasil, 13 de mar. de 2020. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/primeiro-caso-novo-coronavirus>>. Acesso em 13 de set. de 2020.

GOOGLE MEET. **Entenda como funciona e a importância para equipes digitais**. QiNetwork. Brasil, 28 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://www.qinetwork.com.br/google-meet-entenda-como-funciona>>. Acesso em 21 de set. de 2020.

HODGES, Charles B *et al.* **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. 2020.

KONRATH, Mary Lúcia Pedrosa; TAROUCO, Liane Margarida R.; BEHAR, Patricia Alejandra. Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. **Cinted - Ufrgs**. 7 N° 1 de jul. de 2009.

MICROSOFT TEAMS. **Entenda o que é e como funciona**. Softline. Brasil, 13 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://brasil.softlinegroup.com/sobre-a-empresa/blog/microsoft-teams-entenda-o-que-e-e-como-funciona>>. Acesso em 20 de set. de 2020.

MORAES, Humberto Luiz Barros et al. De ensino presencial para o remoto emergencial: adaptações, desafios e impactos na pós-graduação. **Interfaces Científicas**. Aracaju. V.10. N.1. p. 180 - 193. Número Temático, 2020

MOREIRA, José Antônio; SCHLEMMER, Eliana. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, V.20. 2020.

NOGUEIRA, André L *et al.* **Estimativa da subnotificação de casos da covid-19 no estado de Santa Catarina**. Disponível em: <<https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2020/05/aqui.pdf>>. Acesso em 24 de set. de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) **Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard**.2020. Disponível em <<https://covid19.who.int/table>>. Acesso em 13 de set. de 2020.

SCHUCHMANN, Alexandra Zanella. **Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19**. 2020.

SOBRAL, Sônia Rolland. 2020. **O impacto do COVID-19 na educação**. Observador. Disponível em <<https://observador.pt/opiniao/o-impacto-do-covid-19-na-educacao>>. Acesso em 28 de set. de 2020.

\_\_\_\_\_. Tendências de oferta, matrícula e evasão no ensino superior. O que o Big Data e as redes sociais revelam neste momento de pandemia da covid-19. **Blog Expertise Educação**. Junho, 2020. Disponível em: <[http://expertiseeducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/06/artigo\\_tendencias.pdf](http://expertiseeducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/06/artigo_tendencias.pdf)>. Acesso em 02 de mar. de 2021.